

JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES: PANORAMA DA HISTORIOGRAFIA DE UM INTELECTUAL (1915-1973)

Joyce de Araújo e Silva[1]

Resumo
João Camilo de Oliveira Torres foi um intelectual mineiro, nascido em 1915. Dentre tantas atividades de sua vida, lecionou na disciplina de História do Brasil na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e na Universidade Federal de Minas. Debruçou-se sobre a filosofia da história e a história do Brasil, vindo a deixar contribuições historiográficas dignas de destaque. Em razão de sua invisibilidade no meio dos estudantes contemporâneos, este artigo busca abrir caminhos a discussão sobre suas ideias e teorias. O presente artigo tem como objetivo explanar uma perspectiva preambular sobre sua historiografia e discutir as marcas desse intelectual sob historiografia brasileira. Adentramos, portanto, na história dos intelectuais e no estudo historiográfico. Para a primeira análise utilizaremos como referencial o Jean-François Sirinelli; e para ser possível a análise da operação historiográfica de João Camilo utilizaremos conceitos de Michel de Certau.

Palavras-chave: Historiografia. Intelectuais. Trajetórias.

> É como se procurasse aplicar o método socrático da maiêutica, de que o Brasil precisa parir a si próprio, dentro de nós mesmos encontra-se, no fundo, as lições para nos conhecermos melhor e superarmos nossas deficiências (RAMIRO JUNIOR, 2017, p. 6).

A historiografia brasileira é rica em intérpretes. Cada um, segundo seus estudos e teorias, têm uma perspectiva de Brasil diferenciada. Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Oliveira Viana... Na leitura de qualquer um desses autores sentimos como se, chegando diante de um rio, olhássemos nossos reflexos. Deslocando-se para outra parte do rio, outra leitura, o reflexo também vai se modificando. Dedicar-se ao estudo desses intérpretes é como imergir nesse rio; é dedicar-se à procura de uma resposta, de quem somos. João Camilo de Oliveira Torres me apareceu durante essa procura: entre uma busca e outra na internet, vi o anúncio do livro *O*

[1] Graduando pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: joyce98araujo@gmail.com



Elogio do Conservadorismo e Outros Escritos (2017), publicado pela editora *Arcádia*, descrito como uma coletânea de artigos inéditos que expunha um pensamento conservador genuinamente nacional. Aprofundando-se na pesquisa, encontrei uma grande quantidade de livros de João Camilo que abrangia estudos sobre política, cultura e história do Brasil – principalmente história do Brasil Imperial, tema de longos estudos do autor; e nesses livros, vi a tentativa de nos mostrar um Brasil com história e de firmes fundamentos políticos e sociais. Um Brasil que precisava olhar para dentro de si para encontrar-se; esse é o Brasil de João Camilo de Oliveira Torres.

Nunca tinha ouvido alguma menção sobre João Camilo. É um esquecido no meio acadêmico e intelectual brasileiro, mesmo entre correntes conservadoras. Boa parte de seus livros publicados estavam esgotados, e, apenas recentemente, em 2018, a *Editora Câmara* começou a republicá-los. A razão do esquecimento seria a dificuldade de encontrar as obras? Ou a ausência de interesse das editoras em republicá-las seria justamente pela falta de procura? Bem, seja como for, encontrei-me diante de um ilustre esquecido. Felizmente, é perceptível a movimentação de interesses voltados para os seus escritos e interpretações; a publicação do livro *O elogio do Conservadorismo,* mencionado acima, já aponta para a mudança. Além disso, alguns estudos recentes começam a inserir a figura de João Camilo no meio acadêmico. Aqui, por meio desse artigo, estrearemos a nossa contribuição, cujo o caminho nem é possível avistar o fim.

Passo inicial de uma pesquisa que pretende destrinchar a vida do intelectual João Camilo de Oliveira Torres, o presente artigo tem como objetivo oferecer um panorama geral de sua historiografia. Não desejamos esgotar o tema, mas apenas abordar de maneira preambular o que é possível compreender sobre seu fazer historiográfico até o momento da pesquisa. É possível realizar um panorama através de seus escritos e de estudos realizados em torno do mineiro. Apegamo-nos a estudos recentes de historiadores e cientistas políticos que tiveram contato com o acervo, como o Rodrigo Coppe Caldeira e Luiz Carlos Ramires Júnior. Dialogamos também com as análises de José Honório Rodrigues e Érick Luiz Wutke Ribeiro sobre a historiografia conservadora e camiliana.

Diante da tarefa, é necessário conhecermos as estruturas e articulações



que rodeiam a formação de um intelectual e de suas obras; para isso, discutiremos um pouco sobre a abordagem da história dos intelectuais. Como base teórica, utilizaremos conceitos de Jean-François Sirinelli; e para ser possível a análise da operação historiográfica de João Camilo utilizaremos conceitos de Michel de Certau. Posteriormente trazemos alguns traços biográficos de João Camilo. Por fim, será possível explanarmos uma perspectiva inicial sobre sua historiografia. Pretendemos, assim, despertar interesses em torno do intelectual João Camilo e diversificar mais ainda as ideias que circulam no ambiente acadêmico.

Uma breve introdução a história dos intelectuais

A história dos intelectuais ou história intelectual é debatida e consolidada dentro da historiografia há algumas décadas. Sua trajetória, entretanto, é marcada por grande ostracismo. A escola dos Annales inaugurou uma nova fase para a historiografia: repudiou a história tradicional e a substituiu pela história-problema. A partir desse momento, o fazer histórico envolvia não apenas a história política, mas todo o fazer humano. De acordo com Gizele Zanotto:

> assim, a criação do movimento dos Annales resultou da tentativa de deslocar do centro de atenção as ações políticas, propondo um comprometimento novo com uma teoria social globalizante, que transcendesse o indivíduo e o evento concreto pela valorização das forças impessoais que movem os homens e seus destinos, pela demarcação de ritmos mais lentos que acompanham o avanço do tempo social e pela valorização do ambiente (como desafio ou limitador da ação humana) (ZANOTTO, 2008a, p. 33).

A historiografia tradicional, por valorizar os feitos individuais, servia de base para uma história biográfica ou intelectual. Na década de 1920, com o movimento realizado pelos Annales, a história intelectual foi desvalorizada (ARANTES, 2015, p. 402). Diante da segunda geração, liderada por Fernand Braudel, o cenário não modificou. A perspectiva tripartite – ou seja, o tempo lento das estruturas, o tempo médio das conjunturas e o tempo trepidante dos eventos – trazia consigo um determinismo do meio sobre as ações do homem. A terceira geração dos Annales reabilitou a história social, cultural e política. A partir dos novos referenciais teóricos-metodológicos fora possível a retomada da história dos intelectuais nas décadas finais do século XX, e o foi “[..] em grande parte como resultado dos esforços de historiadores do político e da cultura, e também em decorrência do



aumento numérico desse grupo social. " (ZANOTTO, 2008b, p. 35).

Há diversas nomenclaturas para esse fazer histórico: história das ideias, história dos intelectuais, história intelectual etc. (WASSERMAN, 2015, p. 67). É uma área ampla e diversificada, permeia tanto a história política quanto a história cultural e traz consigo debates de ambos os campos. O estudo se volta às diversas interpretações sobre os agentes, práticas e produtos classificáveis como intelectuais. Tem como ímpeto observar "a textos bem mais abrangentes, uma vez que ela inclui as crenças não-articuladas, opiniões amorfas, suposições não-ditas, além é claro, das ideias formalizadas [...] a história intelectual preocupa-se com a articulação desses temas às suas condições externas [...]" (FALCON, 1997a, p.93), e, por conseguinte, o "estudo das ideais e atitudes no conjunto das práticas sociais" (FALCON,1997b, p. 94). Portanto, não podemos restringir a análise, mas devemos observar o que podemos apreender por traz dos escritos, como também o intelectual diante dos ambientes em que circula, e das relações de sociabilidade.

A tradição francesa, representada aqui por Jean-François Sirinelli, contribuiu para essa interpretação historiográfica. De acordo com Sirinelli, devemos levar em consideração que todo grupo de intelectuais se organiza em torno de uma "sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver" (SIRINELLI, 2003, p. 248). São as estruturas elementares da sociabilidade. Essas redes de sociabilidade são as revistas, os salões, os cafés etc. (ALMEIDA, 2012, p.26), espaços de debates e circulação de ideias que impactam vida de todo intelectual. Para compreendermos a formação das ideias de intelectuais precisamos adentrar nessas redes de sociabilidades, nelas estão grande parte das referências que moveram pensamentos.

Michel de Certeau em *A Escrita da História* traz reflexões importantíssimas sobre o fazer historiográfico que pode auxiliar-nos a compreender a historiografia de João Camilo. Segundo ele, a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas, e de uma escrita. Assim, não podemos observar a operação historiográfica como isenta em sua análise – tão como a perspectiva positivista afirma –, mas, pelo contrário



> Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática" (CERTEAU, 2002, p. 66).

Entendemos, portanto, que o fazer histórico de um historiador está intricadamente ligado ao seu tempo e ao seu espaço, não podendo ser analisado a parte. É impossível analisar o discurso histórico independente da instituição ou conversão na qual o historiador faz parte e adere suas práticas. Tratando-se este artigo de João Camilo de Oliveira Torres, historiador por ofício, a sua trajetória não pode ser considerada sem essas reflexões.

João Camilo de Oliveira Torres no tempo e no espaço

João Camilo de Oliveira Torres nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1915. Filho de pai homônimo e de Rosa de Assis de Oliveira Drummond. Era apegado à família e a Minas Gerais, de onde nunca se distanciou exceto por uma passagem pelo Rio de Janeiro. Do lado paterno era descendente de políticos saquaremas, do lado materno era descendente da família Drummond, tinha o poeta Carlos Drummond de Andrade como primo. Bacharelou-se em filosofia pela Universidade do Distrito Federal, do Rio de Janeiro. Tornou-se jornalista em 1937, em 1942 passou a ser professor de História do Brasil pela Faculdade de Filosofia de Santa Maria, pela Universidade Católica de Minas Gerais e lecionou também na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais a disciplina de História de Minas Gerais. Além de todas essas atividades foi funcionário de carreira do sistema previdenciário público brasileiro. João Camilo faleceu em sua mesa de trabalho no dia 31 de janeiro de 1973, quando sofreu um ataque cardíaco.



Rodrigo Coppe Caldeira realizou um destacado estudo, intitulado *O catolicismo militante em Minas Gerais: aspectos do pensamento histórico-teológico de João Camilo de Oliveira Torres* (2011), sobre esse cenário católico, partindo da figura de João Camilo e de como o projeto católico de constituição de uma nova cristandade influenciou o pensamento dele. João Camilo estava inserido em um contexto marcado pelo movimento de *neocristandade* impulsionado pela Igreja Católica, com o intuito de alcançar importantes setores da sociedade. Há, segundo Caldeira, um desenvolvimento de uma militância católica intelectualizada constituída "...por um laicato consciente e atuante [..] com nomes como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Plínio Corrêa de Oliveira, entre outros..." (CALDEIRA, 2011a, p. 247) como o próprio João Camilo na década de 30. Nesse panorama, ele

> ...viveu entre dois mundos religiosos: aquele marcado por certo conservadorismo político e religioso – na figura da Igreja ultramontana e da romanização – e daquele assinalado pelas novidades trazidas por vários movimentos católicos, que seriam, de certa forma, recebidos e incentivados pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) (CALDEIRA, 2011b, p. 272).

Foi em torno do jornal *O Diário* e da universidade Católica que se formou um grupo de intelectuais influenciados por Maritain, Bernanos, Chesterton e Alceu de Amoroso Lima (TORRES, 1972, p. 172). Outros, e aqui inclui-se o João Camilo, ainda foram buscar em Teilhard de Chardin, Max Scheler, Francisco Suarez e Duns Scoto um diálogo com o mundo moderno. O impacto desse movimento foi profundo no pensamento do intelectual mineiro, formando uma base teórica que será utilizada por ele em diversas obras. Max Scheler, por exemplo, será um dos teóricos base para sua perspectiva inicial de cultura.

João Camilo e a historiografia brasileira

Monarquista convicto, historiador hábil e filósofo da história. Escreveu sequências de livros que seria parte da sua História das ideias políticas no Brasil, tratando de ideias importantíssimas que modificaram a história do país: positivismo, poder moderador, revoluções, federalismo etc. O projeto não pôde ser concluído,



mas renderam nove publicações por completo. O impulso para a realização dessa tarefa surgiu durante a elaboração do livro *O Positivismo no Brasil* (1943), o primeiro da série. Segundo o autor:

> Em dias já muito distantes, atendendo a uma sugestão de Frei Damião Berge, O. F. M., professor da história da filosofia moderna, na antiga e saudosa Universidade do Distrito Federal, tentamos a grande aventura de mocidade – a descoberta do positivismo no Brasil. [..] A ideia levou-nos a elaborar outros livros de História das Ideias (OLIVEIRA TORRES, 2018, p. 19.).

O Positivismo no Brasil, mesmo referido como aventura da mocidade e sem muitos méritos (TORRES, 2018, p. 15), continua sendo precursora e indispensável aos estudantes do tema. João Camilo analisa a ação positivista no Brasil, seus principais representantes, e os efeitos dentro da política e da cultura brasileira. Passou-se dez anos até o lançamento do segundo livro da série: *A Democracia Coroada: Teoria Política do Império do Brasil* (1957). A obra é a mais conhecida do escritor que se destaca pela precisão na análise da política imperial. Ganhou os prêmios "Cidade de Belo Horizonte" em 1952 e o Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras em 1958. O*s Construtores do Império* (1968), "uma das melhores e maiores interpretações da história do Brasil numa visão conservadora monarquista" (RODRIGUES, 1988), traz à tona as ações do partido conservador durante o regime monárquico e a conceituação de um conservadorismo brasileiro. Ainda na coleção, temos: *A Formação do Federalismo no Brasil* (1961)"; *O Presidencialismo no Brasil* (1961); *A Estratificação Social no Brasil* (1965); História *das Ideias Religiosas no Brasil* (1968); *Interpretação da Realidade Brasileira* (1969); *A Ideia Revolucionária no Brasil* (1981). Outros escritos envolvem questões políticas, sociais, culturais e filosóficas – destaca-se o livro *Teoria Geral da História* (1963). Em 2017, numa publicação *post mortem*, chegou ao público diversos artigos seus em *O Elogio do Conservadorismo e Outros Escritos* (2017) pela editora *Arcadia*.

Um dos historiadores que, tratando-se da historiografia brasileira, menciona o historiador Oliveira Torres é o José Honório Rodrigues. No segundo volume de *História da História do Brasil* ele analisa a historiografia conservadora brasileira. O



tomo I, intitulado *Historiografia Conservadora,* dedica umas folhas para falar sobre João Camilo. Para José Honório, João Camilo era mais monarquista que conservador, pois, aceitava formas sociais avançadas desde que contidas num arcabouço político-teórico monárquico; tornava-se por vezes muito repetitivo ao longo de suas obras; e, depois de analisar alguns livros do mineiro, afirma que "João Camilo teve o mérito da coerência intelectual que se observa em todos os seus livros" (HONÓRIO, 1998a,125). Por fim, colocando-o em alto nível juntamente com nosso gigante Nabuco, completa "... foi um monarquista muito convicto e talvez o maior ideólogo monarquista. Com isto, deu à história brasileira uma visão imperial teórica, complementar à prática e conceito que Joaquim Nabuco realizara" (HONÓRIO, 1998b, 126).

Rodrigo Coppe Caldeira, Luiz Carlos Ramires Júnior e Érick Luiz Wutke Ribeiro realizaram recentemente importantíssimas pesquisas em torno de João Camilo. Rodrigo Coppe Caldeira, que já mencionamos, dedicou-se ao estudo da militância católica de João Camilo. Certamente o seu pensamento católico influenciou sua historiografia, porém, por ser uma pesquisa longa não será possível realizar nesse artigo. Érick Luiz Wutke Ribeiro em sua monografia, que tem como título *Historiografia Conservadora no Brasil: O Homem e a Montanha (1944) de João Camillo de Oliveira Torres,* abordou a historiografia conservadora, destacando a análise em torno do livro *O homem e a Montanha* de João Camilo.

Luiz Ramires Júnior estudou seu pensamento político, que, certamente, impacta o fazer historiográfico. Segundo ele, rotular João Camilo como monarquista e conservador é dificílimo, pois, "todos esses adjetivos encarados de forma chapada são incapazes de definir o autor e sua obra" (RAMIRO JUNIOR, 2018, p. 4). Observamos que a dificuldade em intitulá-lo conservador se dá também pela vulgarização do termo. O conservador normalmente é entendido como o cidadão que não quer mudanças, é contra projetos sociais e apoia – consciente ou não – a elite. O conservadorismo que João Camilo pode ser associado no sentido em que o próprio elucida em seu artigo *Conceito de Conservadorismo,* como uma posição política que:



> reconhece que a existência das comunidades está sujeita a determinadas condições e que as mudanças sociais, para serem justas e válidas, não podem quebrar a continuidade entre o passado e o futuro, [..] que não considera viáveis as transformações e mudanças feitas sem o sentido de continuidade histórica — mais: o conservador acha impraticáveis e condenadas ao suicídio todas as reformas fundadas unicamente na vontade humana, sem respeito às condições preexistentes. Podemos reformar — por meio de um processo de cautelosa adaptação do existente às novas condições — e nunca pelo estabelecimento de algo radicalmente novo (TORRES, 2016, p. 40).

Tinha, sim, um pensamento conservador, mas não se fechava ao conhecimento e nem fazia do conservadorismo sua ideologia. Devemos ter em mente que cima de tudo João Camilo era católico, como complementa Caldeira:

> Assim, como ele mesmo deixa transparecer em alguns de seus textos, considera-se um "conservador na política" e um "progressista na religião". De um lado, defende a monarquia brasileira – obviamente que em novas bases, aquelas assemelhadas à britânica e sueca –, e de outro, apresenta uma visão otimista das realidades terrestres, característica peculiar, grosso modo, às perspectivas dos movimentos católicos imbuídos que perspectivas teológicas mais transigentes com as questões modernas (CALDEIRA, 2011c, p. 272).

Por seu pensamento conservador, João Camilo também lutava por um pensamento político nacional. E, segundo ele, sob perspectivas diversas a compreensão sobre o Brasil deve reconhecer sua realidade política, cultural, religiosa, ibérica, racial e democrática. Nesse momento é perceptível a grandiosidade do pensamento camiliano, que busca englobar múltiplas perspectivas para compreender a realidade brasileira. A tese de Luiz Ramires Junior é de que o que orienta os estudos presentes nas obras de João Camilo é uma tensão entre a crise e a restauração. Ou seja, as publicações do intelectual mineiro mostram dois focos: um na conjuntura do momento e outro na história política, nos personagens e nas instituições políticas nacionais. Na perspectiva de João Camilo, segundo Luiz Ramires, a resolução das crises está na restauração de algo que já está presente em nós, na nossa história (RAMIRO JUNIOR, 2018b, p. 19). O que João Camilo de fato tenta fazer é relembrar-nos de quem nós somos através do nosso passado como nação. Tudo isso reverbera na sua metodologia,



na qual ele busca compreender "os elementos fundadores do Estado e da nacionalidade brasileira, mantendo uma consciência histórica e prudencial sobre como esses elementos podem ser relacionados contextualmente, num pleno diálogo entre passado e presente" (RAMIRO JUNIOR, 2018c, p. 6).

Constatamos que ao se dispor a abordar algum assunto João Camilo estudava tudo o que estivesse ao seu alcance. Exemplo disso é o livro *O Positivismo no Brasil.* Mesmo escrito em sua mocidade – em torno de 28 anos – o trabalho ao qual se dispôs foi longo. Para a investigação reuniu-se as circulares anuais do apostolado positivista, avulsos aditados, artigos de jornais, as obras de Augusto Comte e de seguidores – acrescenta-se ainda uma bibliografia extensa que dialoga com Alberto Rangel, Hélio Vianna, Oliveira Lima, Oliveira Viana, Heitor Lira, Eduardo Prado, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Rocha Pombo, Octávio Tarquínio de Sousa, dentre outros. Os outros livros transparecem similarmente essa capacidade de abordagem globalizante.

Assim, observa-se a amplitude do olhar camiliano, pois, a base de estudo necessária para realizar a metodologia empregada por ele – o olhar entre o passado e o presente e a investigação quase a esgotar fontes – o munia de grande conhecimento em muitos campos: histórico, filosófico, sociológico etc. Compreendendo que a resposta para os problemas contemporâneos está na nossa história, João Camilo acaba carregando a tarefa de herdeiro e restaurador daquilo que é o Brasil e o brasileiro. Para compreender o Brasil João Camilo recorreu aos grandes interpretes e ofereceu sua própria interpretação.

Por fim, espelhando-se no traço característico de João Camilo, ou seja, suas longas citações, podemos concluir a discussão com a descrição de Ramires Júnior que o coloca, com toda justiça, entre os principais intérpretes do Brasil:

> é possível inferir que até agora a melhor caracterização ainda é aquela que se orienta na tradição temática de Euclides da Cunha, de intérpretes que abordam o Brasil como terra de contrastes, oposições, polarizações, tal como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Gilberto Freire e Gilberto Amado (SANTOS, 1978:45), pois inclusive João Camilo é herdeiro da virada no pensamento político gerada pela Revolução de 30, e está entre aqueles que dedicam sua obra a resolver o problema do desajuste do Brasil, para integrá-lo em si mesmo, e através de seu próprio passado, de sua matriz fundadora. (RAMIRO JUNIOR, 2017, p. 6).



Considerações finais

Observando os traços biográficos possíveis, vimos que o intelectual mineiro articulou entre algumas redes de sociabilidade. Além do grupo religioso ao qual pertenceu, há – no seu fundo arquivístico já mencionado – diversas cartas trocadas com historiadores e outros intelectuais da época que podem apontar para outras investigações; além disso, uma pequena autobiografia e muitos artigos inéditos. O intrigante são as poucas referências sobre suas obras e, como vimos, classificá-lo em algum grupo específico é uma tarefa difícil, pois foi de vida introspectiva e interior. Como se deu a trajetória de João Camilo? Quais influências sofreu? Com quem se relacionou? Quais respostas ele obteve dentro do meio intelectual brasileira? Quais causas o fizeram nunca se ausentar por muito tempo de Minas Gerais? Há, como podemos ver, uma vida a ser estudada mais profundamente.

Inicialmente podemos concluir que João Camilo de Oliveira Torres como historiador e conservador tinha uma perspectiva de continuidade da história, de um laço entre o passado e o presente que não devemos ignorar, mas sim manter. Ao historiar o Brasil manteve essas características: o olhar que consegue chegar às raízes, ao nascimento de questões que perduram; e o conhecimento abrangente que permeia as diversas áreas do campo histórico (economia, cultura, geografia, política etc.). O seu pensamento católico também influenciou sua historiografia, mas esse estudo poderá ser realizado futuramente em todo do livro *Teoria Geral da História*, onde analisaremos sua contribuição à teoria da história. As influências que João Camilo sofreu durante sua vida também são um potencial próximo passo a ser explorado para entendermos a evolução de seu pensamento e de sua base teórico-metodológica. Um estudo mais biográfico ficará a cabo de um momento oportuno, que seja possível a investigação em seu arquivo. Há muito que ser estudado sobre João Camilo – como objeto de estudo – e suas obras que pouco foram exploradas. O presente artigo intencionou servir de indutor de outras investigações em todo de João Camilo de Oliveira Torres, um ilustre esquecido que deve ser colocado junto aos grandes intérpretes e historiadores do Brasil.



Referências

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Ensaio sobre as Contribuições Teórico-Metodológicas de Jean-François Sirinelli, Jean Paul Sartre e Noberto Bobbio para a História, a Definição e a Função Social dos Intelectuais**. *Revista Territórios & Fronteiras*, vol.5, n. 2, 2012, p. 21-41.

WASSERMAN, Claudia**. História Intelectual**: Origens e Abordagens. *Tempos Históricos*, v. 19, 2015, p.63-79.

ZANOTTO, Gizele. **História dos Intelectuais e História Intelectual**: Contribuições da Historiografia Francesa. *Biblos*, v. 22, 2008, p. 31-45.

ARANTES, Rubens. **Os Intelectuais**: Questões Históricas e Historiográficas - Uma Discussão Teórica. *Saeculum- Revista de História*, v. 33, 2015, 395-410.

FALCON, F. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de**. A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe (2011). **O catolicismo militante em Minas Gerais: aspectos do pensamento histórico-teológico de João Camilo de Oliveira Torres**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio, pp. 233- 276.

RAMIRO JUNIOR, Luiz Carlos. **Socialismo, solidarismo, segurança e o Estado, segundo o pensamento político de João Camilo de Oliveira Torres (1915-1973).** In: 42º Encontro Anual da Anpocs. 2018. Caxambu, p.1-28.

RAMIRO JUNIOR, Luiz Carlos. **Entre a crise e a restauração: o significado do conservadorismo de João Camilo de Oliveira Torres.** In: 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política. (ALACIP). Montevideu, 2017.

RIBEIRO, Érick Luiz Wutke. **Historiografia Conservadora no Brasil**: O Homem e a Montanha (1944) de João Camillo de Oliveira Torres. Uberlândia, 2016.

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. A historiografia conservadora. Vol. II, t. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988.

RODRIGUES, José Honório. **História e Historiadores do Brasil**. São Paulo: Editora Fulgor, 1965.

TORRES, João Camillo de Oliveira. **O positivismo no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1943-2018.



TORRES, João Camillo de Oliveira. **Interpretação da Realidade Brasileira**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 1969 - 2018.